

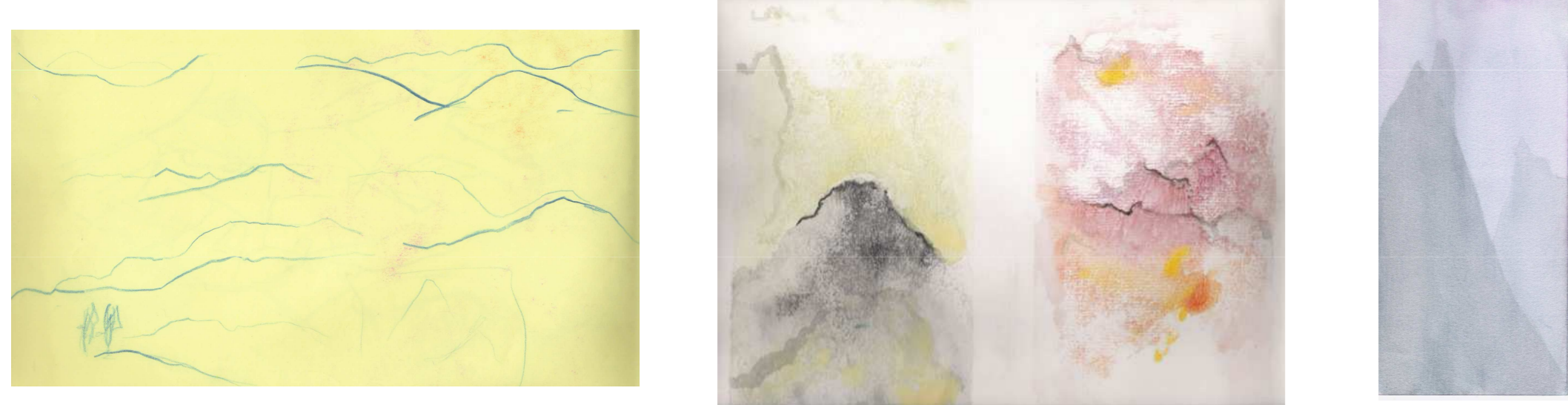
A MONTANHA COMO PROCESSO CONSTRUTIVO: UM ESTUDO DA PRÁTICA ARTÍSTICA A PARTIR DA OBRA DE FRIEDRICH E BEUYS

...
Rachel de Castro Venturini, Lygia Arcuri Eluf
INSTITUTO DE ARTES - I.A. UNICAMP
FAPESP

Paisagem-Produção Artística-Processos Bidimensionais-Processos Tridimensionais-Arte Alemã-Montanha

Introdução

Meu interesse visual pela paisagem surgiu durante uma viagem que realizei pelo interior de Minas Gerais. Comecei a notar e registrar as variações dos contornos das imensas rochas que se elevavam em meio à paisagem plana. Eram apenas anotações rápidas das formas, que se tornavam efêmeras devido à movimentação do ônibus. Observei as alterações constantes de proporções e sobreposições das camadas da paisagem, o que me levou a um interesse mais profundo em relação à sua construção.



Desenvolvi a partir daí um estudo de paisagens e de sua construção em camadas, estabelecendo relações de cor, limites, materiais, texturas e sobreposições. O foco reflexivo da pesquisa se deu sobre a minha produção artística e teve como base referencial e teórica, uma investigação iconográfica e bibliográfica de dois artistas alemães: Caspar David Friedrich e Joseph Beuys. Trata-se de uma investigação a partir do conceito de processo de criação, tendo como eixo principal a iconografia da montanha.



Friedrich C. D. Bruma matinal en la montana, óleo s/ tela, 1808, 71 x 104cm.



Beuys J. Cadeira com gordura, 1963

Investigação Teórica:

Realizei o estudo bibliográfico e a organização de informações e dados a respeito dos artistas selecionados. Tomei o contexto histórico, geográfico e cultural, biografia, produção e iconografia de ambos, como ponto de partida para minhas leituras e registros. Agrupei a produção artística considerando os seguintes fatores: formação, vivências pessoais, periodização e caracterização da produção, mapeando assim os principais aspectos que determinaram a iconografia e a linguagem. Estabeleci pontos em comum que encontrei nos artistas pesquisados e aprofundi alguns temas que considerei relevantes em relação à minha própria produção.

De imediato é possível estabelecer a relação entre Friedrich e Beuys percorrendo o conceito de homem mediante a natureza. Embora exista a distinção marcada pelo distanciamento histórico ambos, homens do norte e em contato com a cultura romântica por excelência, apontam um forte vínculo sensível entre o homem e a natureza. Friedrich, alemão do século XIX, taciturno e pálido, tem a visão pura do romantismo enquanto movimento histórico: adota o panteísmo como espiritualidade cristã intensa e verdadeira, o sublime como estética e compreende o ser humano

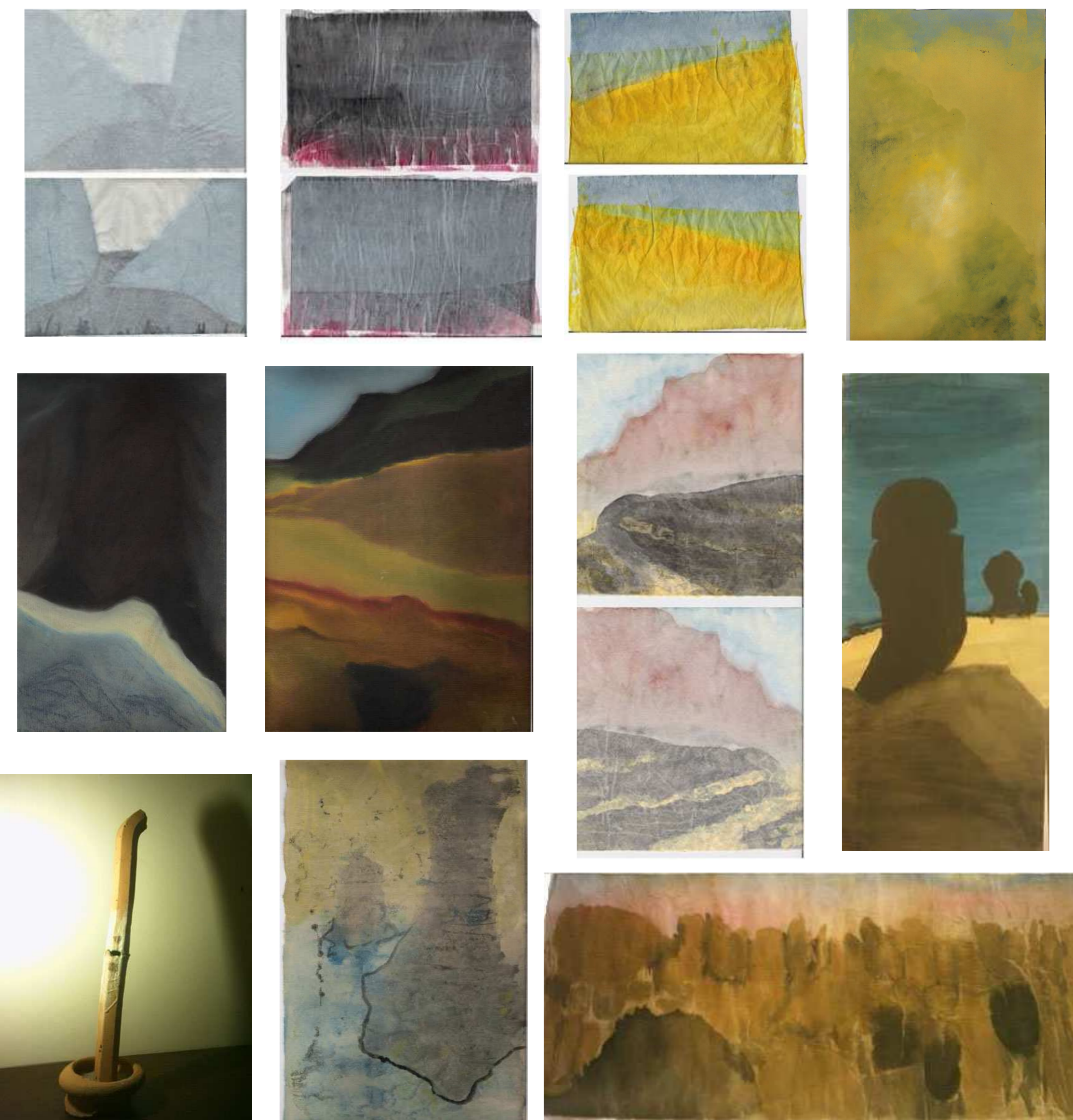
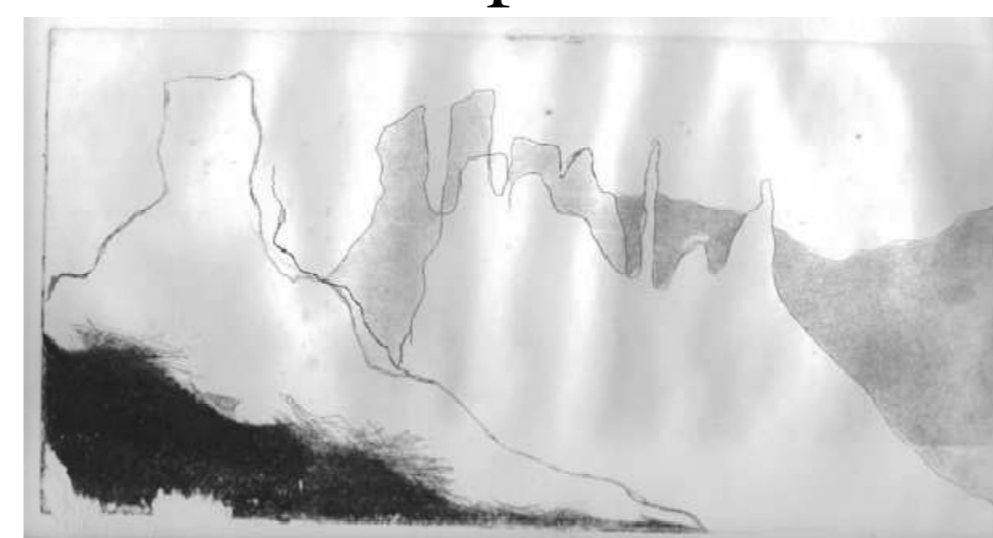
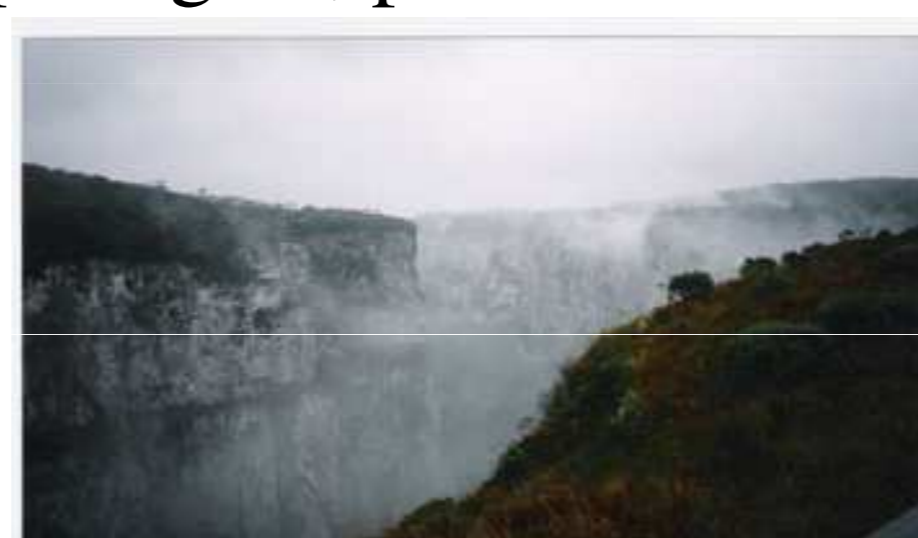
como parcela ínfima do universo - o divino, porém individual e único em sua sensibilidade e consciência. Beuys, ex-aviador da Luftwaffe, vive em um mundo em que a natureza já não representa perigo, não é sublime ou divina, mas sim está morrendo sob o jugo da força industrial - assim como a sociedade que se estabelece sobre os fenômenos de massa, efêmeros e mercadológicos. O artista encontra também no romantismo, já estabelecido como uma pulsação imaterial e atemporal, os ideais que fundamentaram as suas teorias de reestruturação da individualidade, da sociedade e das relações ambientais.

Não é possível afirmar que Beuys tenha buscado diretamente algo em Friedrich (não há indícios formais disso), mas indiscutivelmente ambos compartilharam, mesmo que pertencentes a atualidades distintas, de princípios convergentes. Ambos, seguros de suas linguagens e propósitos, trabalham com a mesma intenção: a indagação ao observador: qual a sua percepção como ser humano único? Trata-se de um enigma didático, não profético. Na obra de Beuys não se mantém a figuração sublime de Friedrich, mas o intuito permanece: o observador é apresentado a questões da ordem do infinito, do tempo, da individualidade, da fé. Encontrei em ambos um indicativo de transcendência permanente e rítmica, em Friedrich ligado as imagens de ciclos naturais e em Beuys a propriedades físicas e míticas dos materiais. A morte se estabelece como ponto central do pensamento a respeito do conceito de tempo: Friedrich presenciou incapaz a ação trágica da natureza sobre o homem, gerando a percepção de observador, pequeno diante da imensidão enigmática e divina; enquanto Beuys passou por um renascimento literal, por meio da matéria prima, logo essa adquire substância vital bruta. Essas vivências acarretarão em metáforas a respeito do desenvolvimento do passar do tempo nos dois artistas.

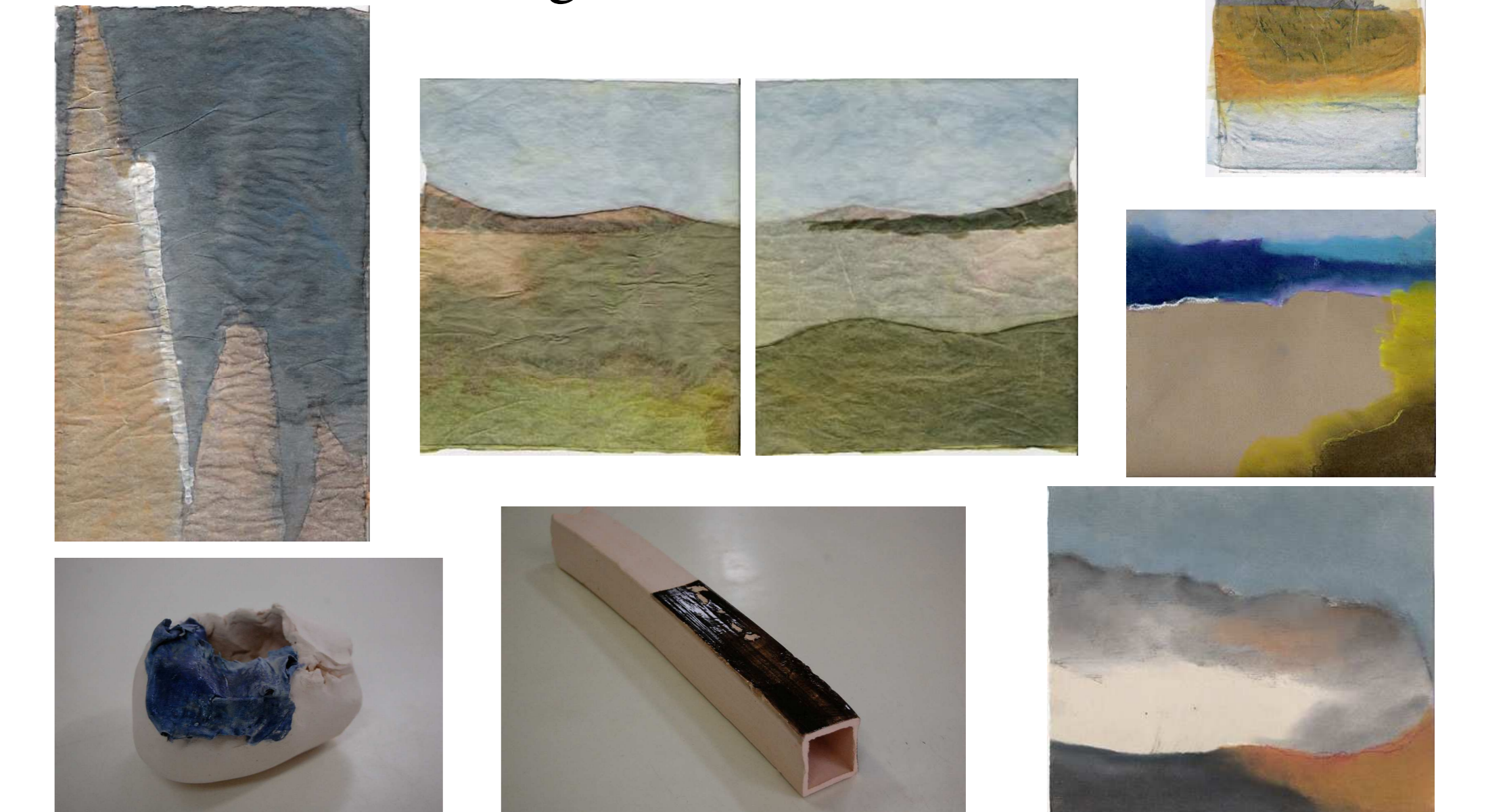
Em um segundo momento, estudei uma série de textos complementares, a fim de aprofundar algumas questões teóricas. Investiguei considerações sobre o conceito de paisagem e possíveis desdobramentos dessas concepções na contemporaneidade. Na primeira parte traço um percurso que se inicia na paisagem romântica, na sua condição sublime e percorre o caminho até a pintura abstrata americana, para em seguida questionar o indivíduo e seu olhar.

Investigação Prática:

Considero a primeira série de trabalhos práticos como um leque de possibilidades em relação a meu trabalho. Não procurei delimitar uma única linha de pesquisa, contudo mantive o foco sobre a pesquisa da paisagem, pois dela derivam os motivos primordiais.



A partir do olhar sobre a produção inicial houve a reunião de semelhanças e pontos de interesse, resultando em três vias de estudo para a série seguinte: a camada – objeto e luz, cor e linha, a investigação na cerâmica. O resultado foi uma segunda série de trabalhos.



Conclusão:

Em meu trabalho coloco o interesse conceitual na montanha como metáfora de permanência das eras. A rocha e a terra guardam a memória de outras épocas e guardarão as de nossa época também. São os registros inevitáveis do ato de existir, que se tornarão vida novamente ao assumirem significados futuros: significados e símbolos sempre em um presente contínuo, jamais estáticos.

Nesse ponto encontrei uma via de diálogo com Friedrich que coloca a paisagem não como o objeto de estudo visual, mas como um mote de questões vitais, sobre o caráter precíval de nosso mundo físico e de nossa memória. Já com Beuys aproximo-me para estabelecer esses preciosos diálogos e investigar a transformação da matéria em registro do processo; estudar os elementos de linguagem como re-significação do mundo, do tempo e da espiritualidade.